



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: TÉCNICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**GUARABIRA-PB
2019**

IVANILZA PEREIRA DA SILVA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: TÉCNICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba através Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Francisco José Dias da Silva

GUARABIRA-PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Ivanilza Pereira da.
Contação de histórias [manuscrito] : técnicas de ensino na educação infantil / Ivanilza Pereira da Silva. - 2019.
40 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Guarabira , 2019.
"Orientação : Prof. Me. Francisco José Dias da Silva , Departamento de Educação - CH."
1. Contação de histórias. 2. Educação Infantil. 3. Técnicas de ensino. I. Título
21. ed. CDD 372.24

IVANILZA PEREIRA DA SILVA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS : Técnicas de ensino na infantil

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba através Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 15/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Francisco José Dias da Silva

Prof.º Me. Francisco José Dias da Silva - UEPB

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof.ª Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira- UEPB
(Examinadora)

Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa

Prof.ª Me. Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa-FPB
(Examinadora)

**GUARABIRA
2019**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por tudo, por ter me permitido chegar até aqui.

Agradeço pela família que tenho “Minha Mãe Lourdes Valentim”, tios Velho Nê e Gisélia Araújo, e também a minhas primas: Angélica, Mary, Angelia, Fabiana, Cida, meu Pai Ivanilzo e a minha madrinha Silvania.

Ao meu orientador, Francisco José Dias porto toda dedicação e paciência, onde dividiu comigo sábias contribuições para o enriquecimento do trabalho.

À coordenadora, Mônica Guedes pelo apoio e preocupação para que eu e meus colegas pudessemos chegar até aqui sem maiores prejuízos, pois muitas foram às dificuldades que encontradas e a mesma sempre nos auxiliou com maior carinho.

À Adalgisa, coordenadora Geral do PARFOR – Campus Guarabira (PB).

Aos integrantes da banca examinadora, Alba e demais que disponibilizaram seu tempo precioso para compartilhar de um momento tão importante na minha vida acadêmica.

A todos os professores, aos quais compartilharam os conhecimentos com a turma, e nos auxiliaram no processo de formação, garantindo um currículo bem mais significativo a nossa vida profissional e social.

Aos meus colegas de curso, em especial Gorete mota e Weslei Freitas, enfim a todos os outros colegas que tornaram o dia a dia do curso mais leve e satisfatória, pode ter certeza que participei da melhor turma do universo (2015.2).

A Secretária de Educação do Município de Sertãozinho – (PB), “Lourdes Farias”, pelo apoio do transporte e estímulo, assim como o motorista Flaviano por nos transportar até o curso e ter toda paciência quando aconteceram atrasos.

Tem meu total agradecimento as educadoras: Gestora Lizeane, Gestora Marly Gomes, Professora Rosimery Felipe, Claudia Tavares, Professora Vera Lucia, Gestora Márcia e Nalva, Secretária Patrícia, Coordenadora Raquel Benício e as professoras da manhã: Ana Glória, Maria Lucia, Josineide, Adriana e Joelma, excelentes profissionais. Assim como meus agradecimentos também vai à Secretária de Educação do município de Curral de Cima (PB), Ana Farias pela oportunidade que me deu em ser auxiliar de aprendizagem na Educação Infantil.

Aos amigos Flavio, Bianco, Marinalva e Cely Pontes pelo apoio aos meus estudos.

A todos que contribuíram direto e indiretamente para minha formação, a vocês minha profunda gratidão.

Dedico este trabalho a Deus fonte inesgotável de sabedoria, único que nos dá sem pedir algo em troca.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem [...].”

(ABRAMOVICH, 1997 p. 16)

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O SEU SIGNIFICADO	15
1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS	15
1.2 A CRIANÇA.....	16
1.3 O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS PEQUENAS	17
1.4 A MEDIAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
2 FORMAS DE SE CONTAR A HISTÓRIA: ALGUMAS TÉCNICAS	21
3 A EXPERIÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	23
3.1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	23
3.2 A OBSERVAÇÃO.....	24
3.3 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	27
4 METODOLOGIA	34
4.1. O tipo de pesquisa	34
4.2 O lócus da investigação.....	34
4.3 Os sujeitos pesquisados	34
4.4 Instrumentos utilizados	35
5 ANÁLISE E RESULTADOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 : Contação de histórias através de gravuras.....pág. 28
- Figura 2 : Contação de histórias com material reciclado.....pág. 29
- Figura 3 : Contação de histórias por meio de mídia.....pág. 30
- Figura 4 : Contação de histórias através de caixa surpresa e avental.....pág. 31

RESUMO

A contação de histórias na Educação Infantil é uma atividade lúdica muito importante na formação das crianças. Dada sua relevância, é um agente importante de facilitar a aprendizagem através da arte que ensina, diverte e estimula a imaginação, despertando nas crianças a vontade de adentrar no mundo da literatura. Nessa perspectiva, a contação de histórias deve ser uma prática constante nas instituições educacionais da ação docente e precisa ser vivenciada através de técnicas de ensino para se tornar mais significativa, possibilitando o trabalho com diferentes linguagens. Este estudo tem como objetivo apresentar as técnicas de ensino como ferramentas metodológicas para a contação de histórias na educação infantil. No seu corpo teórico, se fundamenta em Abramovich (1997), Coelho (1999); Zilberman (2003), além dos documentos oficiais: Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016), dentre outros. Para melhor adentrar no campo da pesquisa, optou-se, neste estudo, pela *pesquisa-ação*, pois a mesma possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. Ao se fazer este estudo sobre as técnicas de ensino em relação à contação de histórias na prática pedagógica do educador da Educação Infantil, pôde-se perceber o quanto é possível se trabalhar com esta ferramenta de ensino. Diante disso, esta pesquisa contribuiu para despertar na prática docente, algumas possibilidades de valorizar atividades que complementem as aulas expositivas para as crianças.

PALAVRAS CHAVE: Contação de histórias. Técnicas de Ensino. Educação Infantil.

ABSTRACT

Storytelling in Early Childhood Education is a very important play activity in the training of children. Given its relevance, it is an important agent of facilitating learning through art that teaches, amuses and stimulates the imagination, awakening in children the desire to enter the world of literature. In this perspective, storytelling should be a constant practice in educational institutions of teacher action and must be experienced through teaching techniques to become more meaningful, enabling work with different languages. This study aims to present teaching techniques as methodological tools for storytelling in early childhood education. In its theoretical body, it is based on Abramovich (1997), Coelho (1999); Zilberman (2003), in addition to the official documents: National Curriculum Frameworks for Early Childhood Education - RCNEI (BRAZIL, 1998), National Curricular Guidelines for Early Childhood Education - DCNEI (BRAZIL, 2010) and National Curricular Common Base (BRAZIL, 2016). To better enter the field of research, in this study, we opted for action research, since it allows the researcher to intervene within a social problem, analyzing it and announcing its objective in order to mobilize the participants, building new ones knowledge. When doing this study on teaching techniques in relation to storytelling in the pedagogical practice of the educator of Child Education, it was possible to realize how much it is possible to work with this teaching tool. Faced with this, this research contributed to awakening in teaching practice some possibilities to value activities that complement the expositive classes for children.

Keywords: Storytelling. Teaching Techniques. Child education

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Contação de Histórias é uma atividade lúdica e artística desenvolvida desde os primórdios da humanidade. Dada sua relevância, não há um só povo que não possua suas histórias, porque funciona como uma necessidade de compartilhar experiências que o ser humano exerce na sociedade. Claramente, este facilitador da aprendizagem costuma ser uma arte que diverte, educa, estimula a imaginação, e principalmente, despertando no discente a vontade de adentrar no mundo da literatura.

No contexto das perspectivas escolares, os educadores das instituições educacionais têm por direito oferecer em sua prática o “Contar de Histórias” dentro do universo lúdico, para as crianças. Principalmente, na fase inicial que precede a escolarização, é primordial o respeito à natureza infantil em que a intencionalidade educativa privilegia o educar vinculado ao cuidar. Segundo assinala o Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI, p. 153), “faz parte das atividades permanentes [...] contar histórias costuma ser uma prática diária nas instituições de educação infantil. [...]”. Para tanto, este recurso favorece ao desempenho de situações que dão condições de aprendizagem na fase inicial atribuída a infância.

Nessa perspectiva, a contação de histórias costuma ser uma prática diária nas instituições educacionais, com a proposta de trabalhar com diferentes linguagens, ao qual atua em sua produção de forma decisiva no desenvolvimento da criança. É importante considerar, a referida criança vivencia a construção da aprendizagem de forma lúdica, por ser sujeito marcado pela cultura, e ao mesmo tempo produtor de cultura.

Ciente disso, o planejamento do professor deve abranger os diferentes recursos didáticos em sua utilização para atingir a criança como protagonista, no centro do planejamento curricular, a partir dos eixos estruturantes “interações e brincadeiras” conferidas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), vivenciado por meio dos campos de experiências direcionados à educação infantil. Neste caso, viabilizam o pensamento e as dimensões mítico-simbólicas, estimulando o imaginário, articulando a sensibilidade, imaginação, e também formação de leitores, que valorizam diferentes manifestações artísticas e culturais atuando para a ressignificação de significados.

Sabe-se que a principal preocupação que movimenta os órgãos e entidades responsáveis pelo ensino é a responsabilidade de formar sujeitos capazes para o exercício da

cidadania, e que honrem os cargos diversos existentes no mercado de trabalho, exercendo suas funções com destreza e dignidade, assim como molda os princípios da moral e da ética, e isto deve ser trabalhado inicialmente na base. Conforme aponta Arroyo (1986), “a Literatura Infantil é primeiramente um meio para divertir as crianças, (...) conseqüentemente educa e instrui”.

De acordo com o tema deste estudo, a partir da vivência do Estágio Supervisionado II, numa sala do Pré Escolar II (Educação Infantil), dentre outras inquietações, senti a necessidade de verificar *por que os professores da educação infantil utilizam apenas uma técnica de ensino para contar histórias?* Todavia, entende-se que há diferentes possibilidades de se contar histórias fazendo com que os discentes compreendam diferentes formas de ver o mundo, seja lutando contra preconceitos, absorvendo e produzindo culturas e, construindo e cultivando valores. Assim, o educador deve explorar este recurso de aprendizagem com critérios bem definidos, desenvolvendo mais de uma metodologia para expressar o caráter lúdico, pedagógico e humanizador.

O presente estudo tem como *objetivo geral* apresentar as técnicas de ensino como ferramentas metodológicas para a contação de histórias na educação infantil. Dessa maneira, dentre as ações pedagógicas na educação infantil, em relação ao contar e o ouvir de histórias desenvolvem-se várias competências essenciais, ampliando as competências da linguagem, interação, o lúdico, ideias, vontades, sentimentos, que fornecem expressivamente um estímulo a aprendizagem e dá oportunidade de alargar o repertório sócio-cultural da criança.

Nessa perspectiva, são os *objetivos específicos* deste trabalho;

Descrever algumas técnicas de ensino para se juntar exposição oral em sala de aula vislumbrando a contação de histórias;

Informar da necessidade dos docentes saberem utilizar as técnicas de ensino no devido momento de suas aulas;

E sugerir técnicas de ensino mais eficientes para contar histórias em sala de aula.

Com base nessas atribuições, surge uma preocupação em relação aos professores, ou seja, é bem provável que a contação de histórias apresentada através de outras técnicas de ensino, promovam uma aprendizagem mais significativa, que assim, o educador que faz uso de diferentes técnicas de ensino tem mais possibilidades de levar os seus alunos ao sucesso no processo de aprendizagem. E provavelmente, o educador que não se fundamenta teoricamente, este tende a não saber trabalhar, por exemplo, com a contação de histórias utilizando alguma técnica de ensino fora a aula expositiva.

O percurso metodológico do presente trabalho se deu através de uma pesquisa do tipo *pesquisa ação* por meio da vivência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, numa escola pública no Município de Sertãozinho, Estado da Paraíba. Para a coleta de dados, optou-se pela observação e registro feitos após a intervenção pedagógica em sala de aula numa turma do pré escolar II, composta por 19 alunos.

Neste sentido, a investigação realizada apontou a necessidade de compreender as técnicas de ensino utilizadas pelo professor da educação infantil em relação ao contar e ouvir de histórias, assim como a organização curricular existentes no cotidiano da sala de aula frente aos saberes disseminados para as crianças.

Em relação ao aporte teórico, esta monografia se fundamentou nos autores, a saber: Abramovich (1997), Coelho (1999); Zilberman (2003), além dos documentos oficiais: Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2010) e Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2016), dentre outros.

Partindo dessa perspectiva, o trabalho está estruturado da seguinte forma: o Capítulo 1 versa sobre a contação de história e seu significado; aspectos históricos, o conceito da criança e o papel da contação de histórias no desenvolvimento da aprendizagem das crianças pequenas; a mediação da contação de histórias na educação infantil, realizada pelo professor em sala de aula.

Capítulo 2: Formas de se contar histórias: algumas técnicas.

No Capítulo 3 se registra o relato da experiência do estágio supervisionado na educação infantil.

Já no Capítulo 4, são detalhados os procedimentos metodológicos atribuídos à pesquisa.

A Análise dos Resultados são evidenciadas no Capítulo 5.

E por fim as Considerações Finais finalizam a estrutura deste trabalho, seguida das referências.

Ao final deste estudo, espera-se um entendimento por parte de professores e professoras na utilização correta, do ponto de vista didático, do uso de algumas técnicas em que a contação de histórias na educação infantil se torne mais interessante e valorativa por parte dos alunos.

1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O SEU SIGNIFICADO

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

A humanidade propaga sua história desde a época mais remota de sua existência, registrando as experiências vivenciadas através de mensagens sejam elas ilustrativas ou orais e posteriormente escritas. Diante disso, um dos importantes fatores atribuídos a origem da sociedade é a Contação de Histórias, através dela, o homem passou seus conhecimentos de geração a geração, e os acontecimentos foram lembrados no decorrer dos tempos, por meio do compartilhamento de informações. Seguramente, contar uma história é uma atividade que se aplica especialmente as crianças, mas não significa dizer que se limita ao público infantil. Nessa perspectiva, a linguagem mais utilizada é a narrativa, Abramovich (1997) assinala que:

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças) (ABRAMOVICH, 1997, p. 22).

O plano fundamental do contar de histórias está aplicado a “narrativa”, que funciona como uma atividade educativa eminente, evidenciando o homem como produtor de sua cultura. E, assim, os povos repassaram ao longo do tempo, costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação dos indivíduos. Coelho (2009) assinala que, “contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, [...] latente, aliás, em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças”. Seguramente, para a aquisição de algumas competências essenciais a formação do indivíduo, o mesmo deve ter contato com a leitura ou audição de narrativas.

As histórias trabalhadas em sala de aula surgiram com programas de leitura promovidos pelo Ministério da Educação (MEC), que promoveu ação através do Programa Nacional Biblioteca na escola (PNBE), com vistas à promoção da Literatura em casa e em sala de aula. Conforme Abramovich (1997) relata, “Ler histórias [...] é também [...] uma possibilidade de descobrir um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...]”. Assim, a arte de ler oralmente e de contar histórias refletem a expressão artística e o imaginário de uma pessoa, o tempo destinado a contar e ouvir histórias tem caráter lúdico, porém faz com que os discentes se deparem refletindo sobre

vários temas, sendo observadores, atentos e sensíveis, ao mesmo tempo despertando uma gama de sentimentos.

1.2 A CRIANÇA

A concepção de infância dentro do contexto social e educacional antes do século XVIII considerava a particularidade infantil como sendo o que difere a criança do adulto, mas nem sempre foi assim. Segundo os estudos da pedagogia tradicional, ratifica que na sociedade feudal, a criança não era reconhecida como sujeito histórico, não havia direito a ludicidade, dentre outros essenciais imputados a sua característica. Tanto que viviam como adulto em miniatura reproduzindo as mesmas funções, e por isso, havia os altos índices de mortalidade infantil, considerados naturais, na época. A partir das descobertas científicas com o passar dos anos provocaram o prolongamento da vida infantil, ao menos nas classes dominantes de grande parte dos países mais populares da antiguidade, e no Brasil também acontecia da mesma maneira.

Considerando os propósitos históricos que veicularam o progresso dos direitos da criança, vale ressaltar que as concepções de infância foram se distribuindo em cada época com a predominância de certas ideias. A exemplo do atendimento das crianças pequenas em instituições estudantis, que foi um espaço conquistado com muita luta, em que foram abertos jardins de infância inicialmente para os filhos de famílias mais abastadas e sucessivamente as creches e pré escolas para as camadas populares, esta última pela necessidade da urbanização e industrialização.

Como resultado, grande era o embate que se formou entre poder público e movimentos populares devido a necessidade da existência de um local que pudesse oferecer proteção e atendimento aos filhos dos trabalhadores, e mais ainda no século XX, quando a mulher ganhara espaço no mercado de trabalho.

Nesse sentido, no contexto sociopolítico e econômico do início da década de 60, este período trouxe uma transformação significativa para a área educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1961 (Lei 4024/61), inclui escolas e maternais e os jardins de infância nos sistemas de ensino caracterizados como locais de assistência à criança. Contudo, não cobriu o fortalecimento de práticas educativas adequadas as características das crianças pequenas.

Quando a criança foi reconhecida como sujeito histórico de direitos, na sociedade burguesa, ela passa a ser reconhecida como alguém que necessita de cuidados, de

escolarização e preparação na preparação para ser um cidadão capaz e ter um futuro promissor. O RCNEI (BRASIL, 1998) demonstra,

[..] a concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época [...]. Estabelecendo uma conexão.

Acerca do que está sendo proposto, é conhecido que a expressão pré escolar, utilizada no Brasil até a década de 80, ponderava como uma etapa anterior a escolarização, mas a Educação infantil foi incluída na BNCC, que por sua vez assegura uma formação humana integral que visa à construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e democrática. Em relação à concepção atual, de Educação infantil, as DCNEI afirmam, em seu art. 5º, que:

A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados, e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, Resolução CNE/CEB, 2009, p. 1)

Desde então, as diretrizes apresentam uma definição de currículo e princípios que orientam o trabalho pedagógico comprometido com a qualidade de ensino em favor ao desenvolvimento da aprendizagem. De tal modo, foram formulados documentos que servem de referência e fonte de métodos de trabalho para os fins educacionais, assim como a BNCC e o RCNEI. Logo, as rotinas criadas em instituições de educação infantil passaram a trabalhar possibilidades de convivência, brincadeiras, trabalho em grupo, respeito ao próximo, reconhecimento de novas linguagens, autonomia, enfim éticos, políticos e estéticos, nas quais os discentes se envolvem e constroem sentidos sobre o mundo.

1.3 O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS PEQUENAS

É necessário lembrar que desde cedo à criança aprende a ouvir histórias, até mesmo antes do seu nascimento, quando na época da gestação as mães começam a conversar com elas ou narrar historinhas. Desse modo, os pais abraçados a comunidade escolar, atuam como grandes incentivadores e influenciam seus filhos a entrar no universo da literatura, porque é

essencial que a criança seja estimulada desde cedo a este tipo de prática para obter êxito na compreensão de tudo aquilo que a cerca.

Inquestionavelmente, a voz humana, portadora da história da humanidade se alia a gestos e expressões no contato face a face distribuindo informações rumo à imaginação. Então, com o propósito de dar ênfase a esta arte, o primeiro contato da criança com o texto é realizado oralmente através da voz do adulto.

Abramovich (1997) corrobora, “é importante à formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor [...]”.

Dentre as experiências com a linguagem verbal, apreciar as histórias é captar informações atribuindo sentidos. Geralmente quando o adulto oraliza a língua escrita ao fazer a leitura de uma fábula em voz alta, ou contar histórias face a face sem a utilização de um livro, é assim que são explorados elementos expressivos da linguagem oral, emitidos por meio de representação, seja da leitura, linguagem corporal, musical, e diversas outras possibilidades de apresentação.

Na maioria das vezes, ao observar o comportamento e ações do contador de histórias às crianças fazem imitações do mesmo, do modo de se comportar, assim se apropriando naturalmente dos significados propostos, uma vez que o ouvir de histórias consiste numa experiência bastante prazerosa estabelecida através da interação que o educador faz com as crianças.

Tomando como base o pensamento do estudioso Vygotsky medita sobre o processo de aprendizagem da criança, questionando:

De fato, por acaso é de duvidar que a criança aprende a falar com adultos; ou que, através da formulação de perguntas e respostas, a criança adquire várias informações; ou que através da imitação dos adultos e através da instrução recebida de como agir, a criança desenvolve um repertório completo de habilidades? De fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança (VYGOTSKY, 2007, p. 95).

Com o intuito de explanar sobre o papel da interação da aprendizagem infantil, Vygotsky defende que a base do aprendizado se constrói por meio da interação da criança, com seu meio, com o adulto e com as outras crianças. Dessa maneira, é necessário trabalhar as Zonas de Desenvolvimento respeitando suas limitações infantis em relação à faixa etária correspondente, em que o professor media a aula de modo a proporcionar possibilidades

interacionais que constituam uma aprendizagem positiva, exercendo práticas educativas que ampliem os potenciais cognitivos, afetivos e sociais.

Reconhecendo o contexto histórico cultural discutido por Vygotsky, o estudioso aborda que o desenvolvimento humano acontece graças às relações sociais, construídas a partir dos diversos contextos. De fato, na ambientação da sala de aula, a contação de histórias funciona ao gerar conhecimento impetrando significados aos gestos, posturas, expressões e sons, dentre outros atributos inseridos no processo de mediação. Bem como, as narrativas orais com apoio do livro paradidático favorecem excepcionalmente a entrada ao mundo literário. Logo, é na escola que a contação de histórias age como uma estratégia fundamental na formação de discentes autônomos, criativos, críticos e reflexivos.

Nesse sentido, Zilberman (2003), afirma que “a obra literária é desvirtuada, quando se torna parte do material didático em que escola transforma o texto formativo [...]” Uma vez que, o papel da literatura é emocionar, as crianças têm um poder de memorização gigante que exprimem a capacidade de imaginar, fantasiar e criar.

1.4 A MEDIAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida. O referido ato deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um. À medida que o educador tem conhecimento que sua voz direcionada a criança é uma forte e especial ferramenta de comunicação, o propósito central de se contar histórias é oportunizar que os discentes adentrem o mundo letrado espontaneamente de maneira lúdica conferida ao ouvir histórias. Diante do exposto, a estudiosa Coelho (1999, p. 13) aponta

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental na elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade [...].

Conforme afirma a autora Abramovich (1997, p.143), acredita que quando a criança ingressa no âmbito escolar, na educação infantil, ainda não sabe ler e escrever, aí entra o papel

do professor que realiza a leitura, sendo ele intermediário deve estar apto a contar a história respeitando o enredo, ou seja, tem que ter o cuidado de conhecer a história que irá apresentar.

Coelho corrobora que:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com a matéria prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se conheça a importância da história para elas (COELHO, 1999, p.09).

A linguagem utilizada deve ser simples, apropriada, e de bom gosto, dispondo de seus elementos essenciais: introdução curta, narrativa simples, enredo com os episódios, conflitos, ações dos personagens, clímax e desfecho da história. O professor tem que ter uma formação literária básica, para saber discernir as obras que mais possam interessar a seus discentes, sobretudo aquelas que vão oportunizar as crianças da fase pré-escolar, a trazerem os saberes prévios para a sala de aula, compartilhando e construindo novos conhecimentos na referida fase anterior a escolarização.

Parafraseando Coelho (1999), decerto, as histórias selecionadas para a educação infantil têm que ser simples e breves. Consistindo em escolher o tipo de técnica que será utilizada para a narrativa simples contada de cinco a no máximo dez minutos para as crianças pequenas, que geralmente são organizadas em um círculo ou semicírculo feito com as crianças sentadas no chão, no cantinho da leitura, biblioteca ou qualquer espaço em sala de aula, mas que não está limitada a mesma, pode ser realizada também em outros locais, como por exemplo, em pátio ou praça, enfim, cabe ao professor escolher o local mais propício.

Antes do início da contação é conveniente que o contador de histórias estabeleça um breve diálogo, que possa dar pistas do que se trata a história e as crianças já comecem a formular ideias em seus pensamentos, sobre o enredo. Como também após o fim da história, em que espontaneamente algumas crianças irão questionar algo sobre os personagens, dizer se gostou até mesmo repetir numa espécie de reconto ou pedir ao professor pra contar de novo, são muitas as situações que ocorrem após o desfecho da história.

Prontamente, as crianças percebem por si só a mensagem da história, basta que o contador instigue os questionamentos mais apropriados a se fazer e falando sobre a narrativa simples, a história tem três partes fundamentais: a situação inicial (apresentação dos personagens), desenvolvimento (apresenta conflitos para a solução no fim da história), clímax

(o elemento surpresa, algo que transpareça algo positivo ou negativo, problema a ser solucionado), e desfecho (final da história onde tudo acaba bem, como deve acontecer).

2 FORMAS DE SE CONTAR A HISTÓRIA: ALGUMAS TÉCNICAS

Há diferentes maneiras de apresentar uma história. A essa experiência não deve estar limitada apenas aos recursos do livro, há inúmeras técnicas utilizadas para se contar histórias. Como foi citado anteriormente, o local cabe ao professor escolher, como por exemplo, pode acontecer ao ar livre, dentro da sala de aula, no pátio da escola ou na biblioteca, e os recursos técnicos mais conhecidos é a história contada com o livro de literatura infantil, flanelógrafo, recurso audiovisual (tv ou notebook + projetor de slides + caixa de som, avental de histórias, com teatrinho de fantoches, dramatização, dentre outros.

Os requisitos para que o contador tenha sucesso no envolvimento no ato de contar a história são: estudar a história, ter domínio completo sobre ela, Sentir a história, falar com voz clara e agradável, expressar as emoções sobre o que trata a história através de gestos.

Segundo Coelho (1999) sobre como contar uma história com o apoio do livro literário, indica que,

Devemos demonstrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, Ler a história. O narrador a conhece, já estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (COELHO, p.33)

Pensando assim, há uma riqueza de obras literárias direcionadas ao público infantil, os clássicos e um acervo moderno que privilegia um gama de interesses dirigido a crianças. Nessa prática, são citadas técnicas de contação a partir de outros suportes, mas vale ressaltar que as histórias contadas neles são retiradas exclusivas do livro que não é menos importante do que estes outros suportes, afinal o livro é histórico, como também podem ser histórias de autoria do próprio narrador.

Diante disso, alguns recursos utilizados para a contação são as gravuras, que geralmente são imagens de personagens apresentadas de maneira ampliada, pode ser em desenho a mão, xerocada, impressa, recortada de revistas ou outros suportes descartados, feitas de EVA ou até mesmo com material reciclado. O contador de histórias ao apresentar a

gravuras é despertada a imaginação no ouvinte, quando idealizam imaginariamente toda a ambientação ao redor do personagem.

Nesse sentido, o flanelógrafo também é um recurso visual bastante prático, é um quadro retangular em madeira compensada ou papelão grosso, com uma face de preferência cor clara, azul claro é a cor ideal para o fundo, pois serve de cenário. As figuras para fixar nele geralmente são confeccionadas de feltro, flanela ou papel-camurça.

É necessário não confundir com a apresentação de gravuras que são apresentadas cenas com mais de um personagem de uma só vez, já no flanelógrafo o personagem principal movimenta-se a todo tempo, entra e sai de cena sem comprometer o enredo da história, e cada personagem é apresentado individualmente ocupando seu lugar no retângulo que dá ideia de movimento. Portanto, o que mais importa aqui é a ação do personagem principal proveniente de um movimento constante.

A história contada por meio do recurso digital (notebook + projetor de slides, TV + Pen Drive, caixa de som), não deve ser confundida como passa tempo e enrolação, pelo contrário a riqueza do recurso digital é tamanha que prende a atenção total dos discentes, como se tivessem hipnotizados com as cenas digitais. Desse modo, sendo um dos suportes que mais as crianças estão em contato diariamente em suas casas, como também a internet. O professor tem que ter o cuidado ao passar a história com o apoio do recurso áudio visual, assim carecendo questionar o que as crianças compreenderam sobre o a história.

O avental de histórias é proposto como um dos novos recursos empregado para a contação, e de baixo custo. O arranjo confeccionado para o avental pode ser feito com EVA é bem parecido com o flanelógrafo, pode entrar em cena mais de um personagem, como acontece com o apoio da gravura.

Já com os fantoches, o a articulação da história é realizada num pequeno cenário que representa um miniteatro, os personagens saem e entram de cena de acordo com o que vai se passando na história. O narrador se desejar pode fazer este miniteatro de papelão e as cortinas com TNT, os personagens estarão fixos a palitos para melhor movimentá-los e as crianças não se distraírem ao ver partes da mão do narrador, enquanto movimenta os personagens.

Na dramatização ocorre de maneira bastante interessante, o professor pode fazer a contação da história com os discentes caracterizados e representando os personagens, motivando-os a participarem e se sentirem importantes perante o drama que com certeza terá público, como também trabalhar a timidez que alguns discentes apresentam.

3 A EXPERIÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste, relata-se a experiência desenvolvida dentro do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, proporcionado pelo Curso de Pedagogia – PARFOR, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Aqui se estabeleceu a relação entre teoria e prática, que por meio da observação e intervenção puderam-se conhecer as dificuldades, progressos e inquietações existentes numa sala de aula de crianças pequenas.

Dessa maneira, o foco do problema esteve voltado a averiguar as metodologias utilizadas para a temática Contação de Histórias, em relação ao contexto da Literatura Infantil. Coelho (2009) afirma, “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]”. A Contação de Histórias é uma das múltiplas linguagens presentes na educação infantil, uma possibilidade atenuante a disseminação de saberes que tem que está inserida na rotina da aula.

Outrossim, falar sobre a ação que envolve a relação entre o educador/aprendizagem e discente é conceber a interação que se propõe ao envolvimento dos interesses educacionais, cuja instância se completa quando o conhecimento é partilhado e construído. Tomando como apoio o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21),

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar.

Assim, a concretização das atividades de estágio, medita como o educador desenvolve os procedimentos técnicos para contar e ouvir histórias numa sala de aula da educação infantil. Dessa maneira, a partir do comportamento do professor, ser realizada uma análise do que ele espera que as crianças aprendam, e em quais condições (tempo, espaço, materiais e interações ofertadas), incidindo na preocupação da promoção do caráter lúdico dessa atividade, sem que esteja voltado, sobretudo ao caráter instrucional.

Na semana que culminou a observação da prática pedagógica da professora, primeiramente notei que a sala era bem arejada, segura e a ambientação promissora ao que remete aos painéis de ensino, tais como: do alfabeto, da chamadinha, da rotina, dentre

outros... Estava tudo muito bem organizado e pensado pela professora, nada em excesso, oferecendo condições e recursos para que as crianças pudessem ter um bom ano letivo, munidas de possibilidades explícitas para a articulação da aprendizagem. Assim, vale ressaltar, que a rotina é fundamental tanto para o professor que organiza seu trabalho com as sequências de atividades, como para o discente que constroi uma noção de tempo.

3.2 A OBSERVAÇÃO

Tendo em vista a semana de observação, a educadora sempre iniciava a aula com a acolhida (acomodação das crianças em suas respectivas cadeirinhas, oração, músicas e correção da tarefa de casa). Em seguida, História Deleite (momento principal de observação a qual culminou a elaboração da problemática da pesquisa), Roda de conversa, Atividades no caderno, Higiene e Lanche, Relaxamento (Atividade física), Atividades dinâmica (Jogos e brincadeiras, colagem, pintura, escultura, etc.), e saída.

Assim, pode-se alegar que a profissional demonstrara uma expressiva pontualidade e o cumprimento das atividades propostas para a rotina. Provou dedicação e empenho com cada um dos discentes, externando a preocupação com aqueles que demonstraram maior grau de dificuldade na aprendizagem, comprovei a ética e compromisso exercido ao ofício. Considero-a desde então, referência para qualquer acadêmico que através de estágio/pesquisa busque adentrar ao contexto da Pedagogia.

Entretanto, observei algo que me inquietou no momento da História Deleite. Esta, sendo umas das principais atividades de se trabalhar na educação infantil, geralmente a educadora contava histórias exclusivamente com o apoio do livro paradidático, o que não há nada errado, porém pensei comigo “se existem outros recursos, outros meios, então porque trabalhar continuamente através do mesmo recurso?”.

Conforme aponta Coelho (1999),

As histórias podem ser contadas ou lidas e cada uma delas pode ser desenvolvida a partir de um recurso: simples narrativa, com uso do livro, com gravuras, com flanelógrafo, com desenhos, com interferências do narrador e dos ouvintes, com dramatização, teatro de bonecos, etc.

Nesse sentido, há uma necessidade de fazer uso de outros recursos didáticos, ampliando o currículo do professor e ao mesmo tempo a criança percebe essa diversificação e cativa a atenção dela, à medida que o professor sai da mesmice.

No sentido de compreender a técnica utilizada pela professora em sua atuação na Contação de Histórias, o que interessa é discorrer sobre a experiência no ato do contar e ouvir histórias em sala da Educação infantil. Desse modo, observei que o método utilizado na maioria das vezes foi a “simples narrativa” com o apoio do livro, vale ressaltar que o momento da rotina é realizado como uma das primeiras atividades do dia, logo após a acolhida, a educadora sempre revisitava a historinha do dia anterior e relembrava sobre a moral da história e o ensinamento que aprenderam a partir dela.

Entretanto, era explorada apenas a linguagem oral e visual por meio das ilustrações do livro. Nesse ângulo aparentava não ser tão estimulante, uma vez que a professora não saía tanto do lugar para interagir melhor. Certamente, seria preciso ousar mais nas expressões, movimentos e gestos, espaço tinha de sobra para ampliar a dimensão da fantasia. Embora a mensagem da história fosse bem apanhada pelas crianças, mesmo elas interagindo e compreendendo todas as partes e o ensinamento proposto, faltava motivação para a atividade ser realizada através de outras técnicas.

No primeiro dia de observação, a educadora da sala do pré II, logo após a chamadinha contou a história deite “O casamento da Dona Baratinha” (Ana Maria Machado), de suas cadeiras, as crianças se mantiveram atentas ao enredo da história. Assim que terminou, uma criança questionou imediatamente o porquê da Dona Baratinha não se casar com um “Barato”, no entendimento da criança seria o esposo ideal.

Em resposta, a educadora explicou que no nosso mundo real existem os pares sim, porém no da imaginação tudo pode acontecer, prosseguindo falou um pouco sobre a moral da história afirmando que a Dona Baratinha queria um esposo silencioso, pois os outros pretendentes faziam barulho, coisa que não gostava e tinha medo, e seguiu com as outras atividades diárias.

No segundo dia de observação, também no momento da história deite, a obra escolhida foi “A velha a fiar” (Adaptação de Sandra Regina Félix), as informações eram emitidas de maneira acumulativa, em que há muitas repetições e as crianças compreenderam como se dava o enredo e ajudaram a professora, a medida que ia se repetindo as mesmas informações, perceberam a questão da repetição, interagiram naturalmente a medida que a história foi contada, e no final descobriram que o desfecho era o início.

No terceiro dia, a história deite contada foi bem diferente, a professora apresentou duas imagens da cidade de Sertãozinho - PB, a qual a escola está localizada. Uma das imagens na antiguidade a outra atual. Primeiramente explicou que as fotografias eram de

períodos diferentes, comentando que a primeira era na época em que os pais das crianças eram pequeninos iguais a elas e que aquela atual tinha sido tirada recentemente.

Em seguida, apresentou imagens frontais de prédios públicos, a exemplo, câmara municipal, ginásio de esportes, prefeitura, secretaria de educação, dentre outras; os discentes que se manifestaram em fala, isto é, aqueles que moram próximo e conhecem o ambiente. A partir disso, a professora contou toda a história da cidade e as crianças ficaram encantadas com a explanação, fizeram algumas perguntas e demonstraram grande interesse .

No quarto dia, não teve a história deleite porque no primeiro horário a gestora, professoras e alunos foram a uma excursão aos prédios públicos da cidade, antes de saírem ela lembrou aos seus discentes da aula do dia anterior em que ela mostrou imagens dos prédios públicos da cidade e que quem não os conhece iria conhecer. O RCNEI (1998), apontam que “as crianças, desde que nascem, participam de diversas práticas sociais no seu cotidiano, dentro e fora da instituição de educação infantil”, adquirem conhecimentos sobre a vida social no seu entorno.

Diante disso, o educador deve levar os discentes para explicações fora da instituição, a aula de campo favorece ao processo porque pelo olhar do professor a criança observa ainda mais particularidades que não havia percebido antes, e o contar de histórias numa praça, num ambiente aberto favorável se torna um momento delicioso, dentro do conceito lúdico.

No quinto dia de observação, após a acomodação dos discentes em suas cadeiras e a realização da acolhida, a gestora escolar passou nas salas convidando professores e discentes para se deslocarem até a prefeitura em que seriam hasteadas as bandeiras: nacional, estadual e municipal. Em presença disso, neste dia não houve a história deleite porque toda a escola foi assistir ao hasteamento das bandeiras, com a presença da Banda de Música Municipal e autoridades importantes da cidade, a exemplo do prefeito, vereadores e secretários. O evento ocorreu em alusão às festividades da cidade que ocorriam nesse período.

A sala de aula é um espaço composto por diferentes sujeitos e diversas situações reais de aprendizagem. O estágio serviu para aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação, em que vivencia anseios e dificuldades existentes no cotidiano, compreendendo uma oportunidade significativa. Pois, é por meio da observação e regência, que o aluno-estagiário obterá a concretização da iniciação a docência. Por conseguinte, a observação das técnicas de contação de histórias utilizadas pela educadora titular da sala onde aconteceu o estágio, a sua metodologia consistiu na maioria das vezes em fazer o contar de histórias com o apoio exclusivo do livro de literatura infantil.

3.3 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

No primeiro dia de intervenção, a história seleta foi “O lobo mau e os três carneirinhos” (Figura 01), contada com gravuras confeccionadas com EVA e outros objetos, O TNT azul representando o rio, um cachecol rosa floral simbolizando a campina verde, e um guarda-chuva azul representando a montanha. Vale ressaltar, que no meio da história havia cenas em que era preciso cantar um trequinho musicado: “*Ti-tó-tó, ti-tó-tó água da fonte para beber, nhoc-nhoc-nhoc, nhoc-nhoc-nhoc grama verdinha para comer!*”. Antes de qualquer coisa, pedi para que as crianças saíssem de suas cadeiras e viessem mais a frente, convidando-os a sentar no chão formando um semicírculo, assim fizeram.

A seguir, questionei as crianças sobre a importância do companheirismo e da família, que é imprescindível elas não darem atenção a estranhos, só confiar em que os pais os deixarem sob a responsabilidade, dialoguei também sobre o quanto é importante cuidar dos nossos materiais escolares e também não mecher no material do colega, pois não nos pertence, a não ser se precisar de algo emprestado, pedir ao dono. Em seguida, informei que iria contar a história do “Lobo mau e os três cabritinhos”, uma das crianças repetiu perguntando: o lobo mau e os três porquinhos, tia? Eu respondi que não e repeti correta e lentamente para que ela compreendesse que se tratava de outra história.

Figura 1.

O lobo mau e os três cabritinhos. História contada com gravuras de EVA e objetos.



Acervo: a autora

Depressa, iniciei o enredo em que “três cabritinhos sempre passeavam por uma montanha onde tinha um rio, e nesse rio tinha uma ponte onde morava o lobo. Certo dia, os cabritinhos foram em busca de água no rio da montanha, já que o outro ficava muito distante, um por vez, se deparara com o lobo mau que imediatamente quis comer. O primeiro cabritinho que ali passava disse que era magro e pequeno (caçula), e que logo atrás vinha o irmão do meio que era mais gordo, o lobo deixou-o ir... Quando o outro chegou, repetiu a história contando que o irmão mais velho era mais robusto e que o lobo com certeza ficaria satisfeito, o lobo também o deixou ir. Contudo, quando o mais velho chegou, o lobo viu que ele era tão grande que achou melhor fugir, e assim a montanha ficou para os três cabritinhos que viveram felizes para sempre.

Assim que finalizei a história, um dos discentes disse “Ele aprendeu uma lição não foi tia? Não queria deixar os cabritinhos tomarem água. Minha mãe falou que faz mal negar água”. Fiquei surpresa com a colocação da criança, foi aí que notei que realmente as crianças são realmente dotadas de capacidade de desenvolvimento e se for educada da maneira correta, só haverá prosperidade na vida particular e educacional, trabalhei aqui a capacidade de compreender o sentido através da história contada oralmente e a consciência fonológica. O RCNEI (1998) assinala que “O domínio da fala diversifica as modalidades de interação, favorecendo o intercâmbio de idéias, realidades e pontos de vista (...)” A partir disso, o educador dialoga com os discentes antes e depois do contar de histórias, para que eles relembrem o que foi dito e façam analogias sobre diferentes situações que ocorrem no cotidiano deles.

No segundo dia de intervenção, no que concerne a história deleite, a obra da vez foi a famosíssima história do “Patinho feio” (figura 02). A ocasião foi fundamental pra trabalhar o tema do preconceito e a importância da inclusão, em que necessariamente expus para a turma em analogia a ambos temas, questionando e afirmando que cada um dos nossos dedos das mãos e dos pés são diferentes, mas que todos são essenciais para a nossa mão, assim como cada um de nós que somos diferentes na cor dos olhos, do cabelo, da pele, em tamanho, uns pequenos outros maiores, enfim todas essas relações de diferença que existe em nosso meio e que é importante trabalhar desde a infância, pois eles que serão os adultos do futuro, que acima de tudo é preciso consciência para essas causas.

Figura 2.
O Patinho feio. História contada em material reciclado



Acervo: a autora

À medida que eu falava, as crianças interagiam, uma dizia que era a tia (A) era mais gorda que a tia (B), se comparava em tamanho, foi bem interessante e elas entenderam bem que as diferenças existem e devem ser respeitadas.

Dessa maneira, a história foi contada ao girar a maçaneta da máquina de leitura. Iniciei falando de uma pata que chocou sete ovos, e quando os patinhos nasceram um deles era de cor diferente, os outros brancos e ele cor cinza, por este motivo o apelidaram de “patinho feio”, de súbito uma criança interrompeu a história dizendo que não pode apelidar, tem que chamar pelo nome, eu concordei gesticulando com a cabeça e segui com o enredo.

A seguir, disse que cada vez que ele crescia os amiguinhos dele não davam atenção ao mesmo, não queriam brincar com ele porque era de cor diferente. Outra criança prontamente disse: tem que brincar com todo mundo, não é tia? Concordei novamente e dei continuidade. Chegou um dia que o patinho não aguentou mais o desprezo de todos, e fugiu na esperança de encontrar novos amigos que o considerasse também importante.

Para a surpresa do patinho, os novos amigos que ele encontrou ficaram admirados com a beleza do patinho feio, ele não acreditava tamanha consideração e carinho, para ter certeza foi ver seu reflexo na margem do rio e viu que havia crescido e suas penas antes cor cinza, estavam cor branca. E o mais incrível é que ele percebeu que não era um pato e sim um lindo cisne, e viveu feliz para sempre.

Assim sendo, encerrei a história e perguntei sobre o que eles acharam de mais interessante. Desse modo, deram ênfase sobre a questão da amizade, complementei

lembrando das regras de convivência que o mais importante, porque é importante o respeito para com o outro, a compreensão da diferença e respeito a diversidade. No que faz referência à concepção pedagógica, as DCNEI (BRASIL, 2010), orientam que “a subjetividade seja comprometida com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta”. Além disso, a inclusão é um princípio que rege o planejamento das atividades escolares, com a intenção de propor atividades iguais para todos os discentes.

No terceiro dia de intervenção, durante as atividades vespertinas, passei a história por meio do notebook e projetor de slides (figura 03), ou seja em mídia, um dos recursos técnicos bastante utilizados atualmente em sala de aula da educação infantil, a história deleite seleta foi “*Emília, Narizinho e a Natureza*”, do Sítio do Pica-pau Amarelo. Antes disso, discuti sobre a importância da natureza, diferença entre paisagem natural, transformada, a questão do cuidar dos animais e do meio ambiente, as crianças estavam bem atentas, três delas lembraram que moram no sítio, e também as características da zona rural, outras disseram que de vez em quando visitam sítios, dentre outros comentários.

Figura 3.

Emília, Narizinho e a Natureza. História contada com recurso digital.



Acervo: a autora.

O vídeo trouxe uma mensagem que temos o dever de cuidar da natureza, porque é dela que retiramos nosso sustento, quando a história encerrou algumas crianças comentaram que cuidam do cachorro em casa, do gato, citaram outros animais que rodeiam as residências, etc.

Conseqüentemente, a história contada por meio do recurso técnico digital tem que ser utilizado de maneira consciente, e não apenas para preencher o tempo da aula.

No quarto dia de intervenção, apresentei a turma uma caixa colorida denominada “caixa surpresa” (figura 04). Imediatamente, pedi para que passasse de mãos em mãos, informei que tinha algo dentro e que teriam que descobrir o que era, fizeram várias inferências, como por exemplo: disseram que era papel, brinquedo, chocolate, etc; despertando a curiosidade, algo bom, porque era perceptível o entusiasmo das crianças.

Figura 4.

Emília, Narizinho e a Natureza. História contada com recurso digital.



Acervo: a autora

Então, chegara à ocasião de descobrir o que estava dentro da caixa, quando tirei o conteúdo, olharam uns para os outros e perceberam que era um avental, mas como assim? Um avental diferente, em que a história deleite estava contida nele, e por sua vez saiu de dentro de uma caixa. Consoante o RCNEI (BRASIL, 1988, p. 126) aponta que

Nas inúmeras interações com a linguagem oral, as crianças vão tentando descobrir as regularidades que as constitui, usando todos os recursos de que dispõem: histórias que conhecem, vocabulário familiar etc. Assim, acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de apropriar-se das convenções da linguagem.

É importante salientar, a histórias emitidas pela voz não se restringe apenas as crianças que ainda não sabem ler, dar possibilidades a quaisquer estudante a perceber o papel da escrita no mundo e favorece a formação do discente leitor.

Concentrando o interesse pela história de leite, as crianças perceberam minha caracterização para contar a história, notaram que a roupa estava diferente e algumas das crianças me elogiaram, chamou muito a atenção delas.

Depois disso, iniciei a história relatando sobre três porquinhos que moravam com a mãe, porém já estavam grandes e desejavam ter suas próprias casas. O interessante foi a interrupção que dois educandos fizeram, um deles perguntou: quando eles fossem embora com quem ia ficar a mamãe deles; já o outro, disse que o pai tinha comprado uma casa para eles, é realmente impressionante a capacidade de imaginação que as crianças têm. As interrupções acontecem quando o imaginário da criança ativa, e ao ouvir histórias ela começa a fazer relação com a própria vida ou a de outros, quando ocorre o narrador acena concordando e continua o enredo.

Dando continuidade, fui contando o irmão que se chamava Cícero construiu sua casa de palha, o outro “Heitor” de madeira, e o último “Prático” de tijolos. Posteriormente, esmiucei toda a história detalhadamente, em que temos como desfecho o lobo derrubou a casa dos dois primeiros irmãos, porém a do último era muito forte e ele só conseguiu entrar pela chaminé, ao qual em surpresa acabou caindo num caldeirão cheio de água fervendo e fugiu de dor para não mais voltar.

Por tudo isso, a criança é um ser especial e muito inteligente! Assim que encerrei a história, um dos discentes perguntou se podemos maltratar os animais, já que o lobo saiu prejudicado, imediatamente disse que não e que ele tinha se machucado de leve, foi penalizado porque tava querendo fazer mal aos amiguinhos porquinhos. A criança se conformara com minha resposta, aproveitei e reforcei o lembrete que não devemos machucar os animais porque também são criaturas feitas por “Deus”.

No quinto e último dia de intervenção, para a história de leite as crianças escolheram a música “Os cinco patinhos”, da Xuxa. Foi bem breve, nos dirigimos ao espaço do cantinho da leitura, fizemos um círculo e lá cantamos: “Cinco patinhos, fora passear além das montanhas para brincar. A mamãe falou “Quá-quá-quá-quá, más só quatro patinhos voltaram de lá...”. Dessa maneira, cantamos, os educandos foram imitando meus gestos e expressões (utilizando a mão direita para gesticular). Logo, foi um momento bastante prazeroso e o melhor é que a turma do Pré II A participou ativamente de todas as atividades propostas e no momento das histórias estavam sempre atentos a todos os detalhes.

Quando encerrou a história, a professora titular levou a turma para uma aula de campo programada pela escola, para uma feira cultural. É muito importante que as crianças tenham esse contato com as artes fora da escola, observar diversos elementos da natureza e trabalhos

realizados por outros discentes, a vivência com outras práticas sociais, a exemplo das apresentações ministradas pelo “Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos”. O educador tem o espaço externo como possibilidade de oferecer aos educandos várias formas de desenvolver o ensino, proporcionando ao cotidiano das crianças a interação com seus pares em relação a posturas e atitudes. As estratégias e ações diferentes utilizadas pelo professor ampliam o próprio currículo e contribui para que elas aprendam maneiras de ser, de estar, fazer, conviver e conhecer.

É necessário destacar, eu não há uma receita pronta para se contar histórias, porém alguns requisitos devem ser atendidos. Antes da contação, o professor convida os discentes para um espaço maior de forma que todos se aglomerem formando um semicírculo, e fique o espaço à frente para a livre transição do professor/narrador que ao se expressar, na maioria das vezes se desloca de um lugar para o outro.

Depois disso, antes de iniciar a história, cita algo que as crianças tenham conhecimentos prévios e faça referência a ela, é também imprescindível que o professor conheça a obra/história a se contar, para que não fique preso a leitura, pois o encantamento se dá por meio da expressão face a face, o olhar e primordialmente tenha consciência do tempo, que não precisa se estender muito e a linguagem deve ser clara e objetiva e afinal, existem variados recursos para se contar histórias, o educador deve se esforçar e fazer uso delas, apresentando as histórias a partir de diferentes técnicas.

4 METODOLOGIA

O percurso metodológico deste trabalho monográfico buscou aprofundar a problemática proposta a partir de circunstâncias reais do cotidiano, conhecendo e desenvolvendo estratégias no processo de construção de conhecimento na Educação Infantil. Assim, a finalidade esteve atribuída a refletir sobre o desempenho das técnicas utilizadas para a contação de histórias em favor do desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociocultural da criança, ampliando seu repertório lingüístico e gerando interesse pela Literatura.

4.1. O tipo de pesquisa

Para melhor adentrar no campo da pesquisa, optou-se, neste estudo, pela *pesquisa-ação*, pois a mesma possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. É através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações. De acordo com alguns autores (THIRION, 1980; GOYETTE; LESSARD-HÉBERT, 1993) citados por El Andaloussi (2004), a pesquisa-ação teve início com desenvolvidos por John Dewey, em 1929, que apresentavam a importância de pesquisas sobre a prática escolar e a obtenção de melhores resultados a partir do envolvimento dos sujeitos nesse processo. Os participantes dessa pesquisa então envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

4.2 O lócus da investigação

O estágio foi realizado numa Unidade de Educação Infantil, da rede pública pertencente ao Município de Sertãozinho-PB. A instituição se encontra em bom estado de conservação, e no tocante às salas de aula, as janelas são largas e gradeadas para dispor de maior segurança para os discentes, dispõe de mobiliário adequado ao tamanho das crianças.

4.3 Os sujeitos pesquisados

Crianças do maternal Pré II A, do turno Vespertino, composta por dezenove crianças com faixa etária - entre 4 e 5 anos, advindas em maioria, de família humilde que sobrevive de bolsas sociais ou famílias de um salário mínimo apenas. No entanto, também há crianças vindas de famílias mais abastadas, que ganham mais de 4 salários mensais.

4.4 Instrumentos utilizados

Os instrumentos utilizados foram registros em relatórios, em que houve a descrição minuciosa da vivência no estágio supervisionado obrigatório II (Educação Infantil), que serviu para aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação, que vivenciou anseios e dificuldades existentes no cotidiano, compreendendo uma oportunidade significativa. Pois, é por meio da observação que se assimilam metodologias para a aplicação de conteúdos em favor do processo de aprendizagem, e onde se compreende a rotina para que na regência, o aluno-estagiário com a oportunidade da iniciação a docência aplica o que aprendeu a partir do observar e põe os conhecimentos teóricos em prática. Assim, consideramos como o educador desenvolve os procedimentos técnicos para contar e ouvir histórias numa sala de aula da educação infantil através de diferentes técnicas de ensino possibilitando a aprendizagem de maneira ainda mais significativa.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Ao se fazer este estudo sobre as técnicas de ensino em relação à contação de histórias na prática pedagógica do educador da Educação Infantil, pode-se perceber o quanto é possível se trabalhar com esta ferramenta de ensino. Diante disso, esta pesquisa contribuiu para despertar na prática docente, algumas possibilidades de valorizar atividades que complementem as aulas expositivas para as crianças.

No que tange ao momento da Contação de Histórias, esta por sua vez é uma prática diária que na qualidade de “História Deleite na Educação Infantil”, ao observar a rotina da turma, percebeu-se que acontece como uma das atividades permanentes, que fazem parte da rotina das crianças pequenas, sempre desenvolvida assiduamente após a acolhida, e a professora da sala sempre com o cuidado de selecionar uma literatura voltada para esta faixa etária correspondente ao cuidado, uma vez que é oferecida uma literatura indispensavelmente voltada para a Educação Infantil.

Na intervenção, a professora titular observou que há outras possibilidades de apresentar a contação de histórias utilizando diferentes técnicas de ensino como ferramentas metodológicas significativas. Sendo assim, foi despertada uma reflexão acerca do sujeito educador sobre a utilidade das técnicas de ensino, a intervenção auxiliou na compreensão sobre a importância de realizar a contação de histórias através das diferentes técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi realizado um estudo sobre as técnicas de ensino em relação à Contação de Histórias na prática pedagógica do educador da Educação Infantil, numa sala de aula composta por 19 crianças, turma do Pré II A, de uma Instituição Municipal de Ensino Infantil, na cidade de Sertãozinho, localizada no Estado da Paraíba. Dessa maneira buscou-se compreender o Contar de Histórias a partir da observação das metodologias utilizadas pela professora da sala titular, em que significativamente realiza seu trabalho com alto profissionalismo e pontualidade, mas sabendo que “somos eternos aprendizes”, buscou-se averiguar mais profundamente “O porquê da contação de histórias ser desenvolvida apenas com uma técnica de ensino”, isto é com apoio do Livro de literatura infantil.

Com base nesse propósito, entende-se que o contar e ouvir de histórias faz parte das atividades permanentes realizadas diariamente em sala de aula da educação infantil e contribui para despertar várias competências e habilidades nos discentes, gerando uma reflexão de sentidos, alargamento linguístico, comentários e expectativas a partir dos conflitos existenciais emitidos no enredo, além disso, sugestão de soluções e comentários de variadas naturezas, porém a fim de auxiliar a construção do processo de ensino e aprendizagem nesta primeira fase escolar, através desse facilitador, se faz necessário incluir outras técnicas de ensino para esta atividade lúdica e artística.

Ficou evidente, que o processo de técnicas acrescidas ao currículo, atende aos interesses das crianças na educação infantil, em que o educador introduz diferentes propostas ao seu trabalho, em relação ao contar e ouvir de histórias, colaborando aos propósitos direcionados para o processo de aprendizagem na infância. Assim, foram sugeridas outras técnicas de ensino para contar histórias, a partir do aporte teórico fundamentado pelas idéias das autoras citadas na introdução e ao logo do trabalho, assim como a essencial contribuição dos documentos oficiais.

Portanto, através da utilização das diferentes técnicas de ensino para a contação de história na educação infantil, se constitui como um momento ímpar na aprendizagem das crianças pequenas, porque é uma atividade lúdica que inspira e motiva ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosas e Bobices**. São Paulo: ed.Spicione, 1997.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/ 1996, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/ COEDI, 1998.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf> Acesso em: 01 de Dezembro de 2018.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 2. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>> Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 3. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 01 de Dezembro de 2018.

_____. MEC/SEB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

_____. MEC/SEB. Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil. V.1, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvoll1.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

_____. MEC/SEB. Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. V.3, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

CANDIDO, A. (1995). “O direito à Literatura”, in: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas cidades, pp. 235-263.

COELHO. Betty. **Contar Histórias – uma arte sem idade**. 10. Edição. São Paulo: Ática, 2000.

FARIA, Vitória Líbia Barreto. **Currículo na Educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**/Vitória Faria, Fátima Salles. – 2.ed.,[rev e ampl.]. – São Paulo: Ática, 2012.

SILVA, Coelho Maria Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1999 p. 7 a 74.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, L. S (1998). “A aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar”, in: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagemn, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo, Ícone: Edusp, pp. 103-117.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**.11. Edição. Ver, atual., e ampl. São Paulo: Global, 2003.